



Enfermarias das maternidades estão sempre lotadas e risco de infecção é alto



SALÁRIO. Obstetras e neonatologistas suspendem atividades

Médicos querem reajuste de valor pago pelo SUS

Sem profissionais, maternidades fecham as portas para pacientes

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

Mas por que as maternidades fecham? Na maioria dessas unidades, obstetras e neonatologistas reivindicam reajuste na tabela de procedimentos do SUS, como foi conquistado pelos anestesiológicos. Esse, na avaliação do presidente do Sindicato dos Médicos, Wellington Galvão, é o 'x' da questão. "Os valores pagos pela tabela do SUS são imorais. Por isso, tem poucos profissionais atendendo. E, se não há médicos suficientes, não se consegue cobrir as escalas ou se sobrecarrega quem está no plantão", observa ele, destacando que o reajuste concedido

aos anestesiológicos deveria ter sido extensivo aos demais profissionais.

Para o secretário de Saúde de Maceió, Adeilson Loureiro, essa pauta está em aberto, e ele diz que, sem a ajuda do Estado e do Ministério da Saúde, o município não tem condições de atender à reivindicação de profissionais por reajuste. "Não é uma discussão simples, porque não depende só do município. É justo que outras categorias queiram o mesmo direito conquistado pelos anestesiológicos, mas Maceió tem clareza de que não pode resolver todas as situações. Os valores são altos e temos um complicador, que são as eleições. Estamos em busca de soluções, mas é preciso bom senso. Obstetrícia é urgência e não pode parar", argumenta ele.

É com essa reivindicação que os profissionais da Maternidade Nossa Se-



ADEILSON LOUREIRO
SECRETÁRIO DE SAÚDE

"É preciso bom senso. Obstetrícia é urgência e não pode parar"

neonatologistas se recusaram a retornar ao trabalho.

O único alento, depois do caos, foi a reabertura, na última segunda-feira, da Maternidade Paulo Neto, fechada para reforma há sete meses – desde dezembro de 2012. O número de leitos ofertados, 35, é menor do que antes da reforma, fato que a administração justifica pela necessidade de adequação à exigência legal em vigor, de se ter um berço para cada leito.

O gerente administrativo, Antônio Caldas, nos recebeu na última quarta-feira e disse que, um dia após a reabertura, já se registrou grande procura. No entanto, no momento da nossa visita, foi verificado que, exceto em uma das enfermarias – que estava lotada –, havia vários leitos disponíveis. Ele garantiu que a maternidade vai funcionar nos fins de semana.

nhora da Guia, vinculada à Santa Casa de Misericórdia, resolveram suspender o atendimento há quase dois meses, o que levou a unidade ao fechamento. Na semana passada, por meio do provedor Humberto Gomes, a Santa Casa anunciou a reabertura da maternidade, mas a promessa não se concretizou. Sem avanço nas negociações sobre reajuste da tabela SUS, os obstetras e

Rede de baixo e médio risco não funciona

"O que falta mesmo é responsabilidade dos gestores municipais para assumir seus pacientes", diz a médica obstetra Gilsa Bulhões, há 30 anos na maternidade do Hospital Universitário, que também viveu momentos de superlotação esta semana, após a divulgação do caos na Santa Mônica.

Sangrando e com dores, a paciente Selma Rosa Alves estava no corredor, na última quarta-feira, vinda do Hospital São Vicente, em União dos Palmares. Nas suas contas, a gestação estaria com 7 meses e, no seu rosto, além do desconforto da dor, expressava-se a angústia de poder perder o bebê. "Desde ontem, estou sangrando. Ele não mexe mais. Eu quero salvar meu bebê", diz ela. Nesse momento, a médica passa pelo local, dá uma olhada e chama o maqueiro. O exame comprova: Selma está em trabalho de parto e o bebê parece bem.

"Chega muita gente aqui nessa situação. As prefeituras deveriam priorizar o equipamento de suas próprias unidades e, além de médicos generalistas, contratar obstetras, pediatras e anestesiológicos para atender às gestantes de baixo risco, evitando esses deslocamentos na hora do parto", diz ela, destacando que nem mes-

mo as curetagens são feitas nas unidades, seja na capital ou no interior. "Por causa do baixo valor, ninguém quer fazer. Vem tudo para o HU e acaba ocupando vagas e profissionais que poderiam estar atendendo às gestantes de risco", diz Gilsa Bulhões.

"A rede de baixo e médio risco precisa funcionar, na capital e no interior. Se ela não funciona, se as maternidades fecham nos fins de semana, o problema estoura nas mãos de quem funciona, como é o caso da Santa Mônica. Enquanto as redes de baixo e médio risco não funcionam em unidades da capital e do interior, nós preferimos colocar no chão a fechar as portas e deixar do lado de fora. E pagamos caro por isso", diz a diretora da maternidade, Rita Lessa, destacando a migração de pacientes do interior como um dos fatores que contribuem para a superlotação.

O município de Rio Largo ilustra bem essa situação. Apesar de ter um hospital que poderia ser equipado para esses procedimentos, dados da Secretaria Estadual de Saúde apontam que, a cada 1.100 bebês da cidade, apenas 6 nascem lá. "Tem vários municípios que teriam condições, mas não fazem. Por isso, temos superlotação, que não é bom



A médica Gilsa Bulhões cobra responsabilidade dos gestores públicos

para ninguém. Os pacientes ficam mal acomodados, em locais inadequados, e isso favorece os riscos de infecção para pacientes e excesso de trabalho para os profissionais, o que pode comprometer a qualidade da assistência", diz a médica Lúcia Amorim, diretora da maternidade do HU.

Ela nega que o HU tenha reduzido o número de leitos em função da greve dos técnicos administrativos da universidade.

"Não conseguimos. O problema é que todos nós já trabalhamos no limite e qualquer coisa toma essa dimensão e fica se procurando um bode expiatório". FA O



MISSA DO 7º DIA

HYLNARD PEREIRA TRAVASSOS

A família de **HYLNARD PEREIRA TRAVASSOS** convida para a **MISSA DE 7º DIA**, em sufrágio de sua alma, a realizar-se, às 19:00 horas do dia 30/07/2012, na Igreja da Imaculada Conceição.